

## Instalação de novas fábricas de celulose e papel alimenta corrida por madeira e terras

**Celulose** Valor médio do eucalipto em pé saiu de R\$ 40,20 o metro cúbico em 2019 para R\$ 115,4 no ano

# Preço da madeira dispara e desafia papelarias

Stella Fontes  
De São Paulo

A instalação de novas fábricas de celulose e papel segue alimentando a corrida por madeira e terras no Brasil, sobretudo nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Com demanda superior à oferta, os preços do eucalipto em pé, que leva entre seis e sete anos para estar pronto para a produção de celulose, praticamente triplicaram de 2019 para cá, ao mesmo tempo em que a produtividade média florestal no país permaneceu estagnada. No caso do pinus, os preços saltaram mais de 60% em um ano.

Até 2028, segundo dados da Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), o setor de base florestal terá investido R\$ 61,9 bilhões, entre plantio de florestas, novas fábricas, modernização e logística. No setor, a leitura é que não há disponibilidade de matéria-prima para novos projetos de celulose, além dos que estão em execução, ao menos até 2027, por causa do ciclo longo das culturas de eucalipto e pinus.

Conforme levantamento da Arvor Business Advisory, do grupo Index, o preço médio do eucalipto em pé no Brasil saiu de R\$ 40,20 o metro cúbico em 2019 para R\$ 115,40 neste ano. E o viés é de alta. Para se ter ideia dos volumes transacionados, somente a Bracell teria comprado recentemente perto de 3 milhões de toneladas de madeira em Minas Gerais para assegurar o suprimento de matéria-prima para a fábrica de celulose em Leopoldina (SP), apurou o Valor. Segundo uma fonte da indústria, a companhia tinha apetite para mais.

Em nota, a Bracell confirmou a compra de madeira de reflorestamento em Minas, porém "em volu-

me diferente do mencionado" — a companhia, que está erguendo uma fábrica de papéis de higiene (tissue) em Leopoldina, não revela o tamanho do contrato. O estoque de madeira é uma informação estratégica para empresas do setor.

"A companhia esclarece que esse tipo de aquisição é insumo estratégico para o abastecimento do negócio no setor de celulose e está em linha ao forte investimento feito no desenvolvimento industrial e tecnológico de suas operações, sendo compatível com seu compromisso de contribuir para o desenvolvimento do mercado brasileiro", acrescenta.

Não são apenas as papelarias que estão inflacionando o mercado. Outras indústrias, incluindo a de painéis de madeira, têm ampliado o consumo da matéria-prima, enquanto produtores rurais estão migrando a produção de árvores, sobretudo pinus, para soja ou milho, mais rentáveis dada a safra bem mais curta.

Na Sbaraini Agropecuária, dona da maior área de reflorestamento independente no oeste do Paraná, essa substituição está ocorrendo, mas de forma gradual e nas áreas em que a árvore é cortada até a base. "Fornecemos pinus para diferentes compradores, mas hoje vendemos muito pouco para as papelarias. Temos sido muito procurados por pequenos compradores industriais", conta o diretor Eduardo Sbaraini.

Com 283 hectares de plantio em propriedades nos municípios de Cascavel, Guazul e Ibema, a empresa elevou em 30% a produção de madeira industrial nos últimos três anos. O pinus que produz pode ser usado no processo de secagem de soja e milho, na construção civil e, em menor me-



Antonio Oliveira, da Dexco: "Se não fizer nada, o setor continuará crescendo em área, mas não em produtividade. Dá para ser ainda mais eficiente no uso da terra"

da, na indústria moveleira.

Há um ano, conta Sbaraini, o metro cúbico era vendido a R\$ 160. Hoje, o preço varia entre R\$ 260 e R\$ 270, uma alta de mais de 60%. Da mesma maneira, vender no mercado interno se tornou mais rentável do que exportar, como a empresa fazia no passado. "A tendência é [o preço] subir mais, porque, conforme se reduz o reflorestamento de pinus e a demanda segue aquecida, será preciso buscar madeira cada vez mais longe", diz.

A Sbaraini também tem operações em Mato Grosso do Sul, maior exportador de celulose do Brasil, mas ali não optou por ser fornecedora da indústria de papel e celulose. "Estamos modificando as áreas na região de gado para soja, que é mais rentável. A madeira leva anos para chegar no ponto em que a indústria de celulose quer", explica o empresário.

No Estado, a Suzano está investindo R\$ 22,2 bilhões em uma nova unidade, que terá a maior linha única de celulose do mundo, e a Aracruz erguerá sua primeira fábrica de fibra no Brasil. A Paracel, que vai colocar uma unidade produtiva no Paraguai, também

busca matéria-prima por lá. Segundo fontes do setor, a disputa por terras e madeira na região foi bastante acirrada, e continua.

Para especialistas na indústria de base florestal, elevar a produtividade das florestas cultivadas é a melhor alternativa na mesa. "Há oportunidades [de plantio ou compra de madeira] em regiões mais remotas, mas a solução mais viável é produzir mais onde já estão os ativos", diz o sócio-diretor do grupo Index, Marcelo Schmid. "O preço da madeira ainda vai subir bastante, mas no caso do eu-

"Há opção em regiões remotas, mas a solução mais adequada é produzir mais onde já estão os ativos"  
Marcelo Schmid

calipto do que do pinus", avalia.

Schmid lembra que as metas de descarbonização assumidas por empresas de diferentes setores também contribuem para a maior concorrência pelo insumo. Nesse ambiente, diz, o setor de base deveria elevar os investimentos para voltar a elevar o chamado IMA, que mede a produtividade das florestas. "Até por questões climáticas as empresas deveriam buscar novos clones", afirma.

Esse também é o entendimento do presidente do conselho deliberativo da Ibá e CEO da Dexco, maior produtora de painéis de madeira do país, Antonio Joaquim de Oliveira. "O setor construiu uma história de tecnologia e uso da terra, aliando competência técnica à condição favorável da natureza", diz. Praticamente todos os grandes players globais têm investimento no país, em busca dos níveis de produtividade "incomparáveis".

O executivo lembra que, entre 1980 e 2000, houve uma revolução na produção nacional de florestas, graças aos avanços em melhoramento genético. Antes, na década de 70, incentivos fiscais já haviam dado forte impulso. "Esse

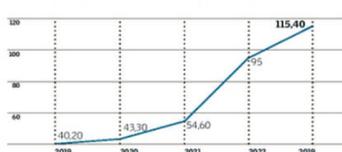
salto de produtividade propiciou novos projetos", conta. De 2010 para cá, a produtividade florestal no país está estacionada.

Segundo levantamento da Ibá, entre 1960 e 2000, no caso do eucalipto, que representa 75% das áreas cultivadas de árvores, passou de 10 para 36 metros cúbicos por hectare por ano. Hoje, caiu a 33. "O problema da produtividade tem origem diversa. O alerta é que é preciso haver um trabalho conjunto, envolvendo universidades, institutos de pesquisa, técnicos e grandes empresas, que têm recursos a aportar", diz o executivo. "O momento é de olhar o setor em conjunto, e dar um novo salto".

Hoje, são cerca de 10 milhões de hectares de florestas plantadas no país, informa o executivo, engenheiro florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). O impacto de um trabalho conjunto, em sua leitura, pode trazer ganhos de 10% a 20%. "Há questões de compliance, mas não adianta cada empresa olhar só para si", afirma. "Se não fizer nada, o setor continuará crescendo em área, mas não em produtividade. Dá para ser ainda mais eficiente no uso da terra".

### Preço médio do eucalipto em pé

Procura aquecida levou a forte valorização - em R\$/metro cúbico



Fonte: Arvor Business Advisory (Grupo Index)

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Economia Caderno: B Pagina: 5